

A proposta de Morin para a Formação de um Professor Empreendedor

Débora Barni de Campos, UTFPR, debarni@hotmail.com

Maria Marilei Soistak Christo, UTFPR, msoistak@yahoo.com.br

Luis Mauricio Resende, UTFPR, lmresende@utfpr.edu.br

Resumo: O que é um professor empreendedor? Este relato de experiência apresenta o desenvolvimento da disciplina Docência e Empreendedorismo ministrada no Programa de Pós-Graduação de Ensino de Ciência e Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PPGECT/UTFPR), visando a formação continuada de professores para o ensino de ciências, tecnologias e ensino profissionalizante. Utilizou-se para a disciplina o aporte teórico do livro “Os sete saberes necessários à educação do futuro” de Edgar Morin, visando a formação de um professor com visão holística, contemporânea, desafiadora, porém essa não se limitou ao livro. Ao longo dos encontros fez-se uso de vídeos e textos, visando o confrontamento de ideias, a construção de conceitos e o estabelecimento de diferentes visões sobre a prática docente, propiciando ao docente-discente ressignificar suas práticas e refletir como cidadãos que formam sujeitos para o mundo.

Palavras-Chave: Docência. Empreendedorismo. Edgar Morin.

Introdução

Nada mudou? Tudo mudou? Estamos num momento de transição. Pressentimos o fim de um ciclo histórico, iniciado em meados do século XIX, quando se inventou a modernidade escolar e pedagógica. Mas temos dificuldade em abrir caminho à contemporaneidade. À falta de alternativa, viramo-nos para o passado, mas nele pouco encontramos de verdadeiramente útil. A nostalgia pode ser reconfortante para as almas, e nalguns casos para as consciências, mas de nada nos serve. A escola de hoje é infinitamente melhor do que a escola de ontem. É mais aberta, mais inteligente, mais sensível à diferença. Mas não chega. O futuro ainda demora muito tempo? **Antônio Nóvoa**

Partindo de uma educação com o objetivo de formar cidadãos autônomos e críticos, o papel do professor empreendedor requer um novo perfil de competências, que se atualize, inove, não tenha receio de se expor, que considere a opinião do aluno, que possibilite sonhos tornarem-se realidade e esteja preparado para os desafios de estar em sala de aula no terceiro milênio.

De acordo com Moraes (2013), o professor empreendedor é considerado problematizador de assuntos do cotidiano dos alunos, lançando questões que suscitem a reflexão, utilizando-se de mediações tecnológicas ou meios que o estudante já está

habitado como: redes sociais, *youtube*, *dropbox*, *moodle*, entre outros. Enquanto empreendedor da educação, o professor visa propiciar um ambiente de colaboração e autonomia aos alunos, buscando mudanças e inovações no meio educativo.

Para acompanhar as mudanças que acontecem no mundo impulsionadas pela globalização é que se faz necessário a figura do professor empreendedor, que apresenta as novidades, oportuniza escolhas e facilita o viver, percorrer nesta sociedade tão acelerada, que conforme bem elucida Porcheddu (2009, p. 661) “correr é melhor que caminhar”. Quando o educador assume uma postura empreendedora, o aluno sente que tem um aliado para evoluir em sua trajetória educacional.

Ser um professor empreendedor, conforme Moraes (2013, p. 84), é romper “com as antigas práticas pedagógicas baseadas no quadro negro e no giz, que conduzem ao instrucionismo ou no ‘ditar-a-aula’, para trabalhar com novos meios e processos de produção do conhecimento, os quais envolvem outros conhecimentos, habilidades e atitudes (CHA) do professor”.

Dessa forma, este trabalho propõe fazer um relato da disciplina Docência e Empreendedorismo, ministrada para alunos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal - Câmpus Ponta Grossa, pelo Professor Doutor Luis Mauricio Martins de Resende.

Relato de experiência

O que se tinha de padrão e usual em números para vários setores da sociedade e com o foco e reflexo aqui em educação, mudou rapidamente com a expansão dos países emergentes. Com o mundo globalizado, as relações sociais e comerciais modificaram e trouxeram novos comportamentos para nós e este novo ciclo já foi até cunhado por uma frase: “estamos vivendo em tempos exponenciais”.

As mudanças não ocorreram exclusivamente num salto quantitativo, mas qualitativo, como tecnologias e labores que nem existiam há 10 anos e nos fazem refletir que estamos ensinando cidadãos para trabalhos que não existem ainda. Estas reflexões foram retiradas do vídeo “*Do you know?*” que termina com uma frase bem provocativa e de interesse para todos educadores: “Então, o que significa tudo isso?”. Grande parte da resposta para esta inquietação é a não acomodação e não nos deixarmos

levar pelas imposições sociais sem percebê-las ou criticá-las. Como acordamos defasados pelas mudanças que acontecem minuto a minuto no mundo, corremos o risco de pela indolência ou por não nos considerarmos aptos para acompanhar todas as transformações, nos aquietarmos e não acompanharmos os rumos que a educação tem tomado. E além de não acompanharmos, somos coautores dos prejuízos se não interferirmos. Temos o dever de nos instruir e aproveitar as facilidades da vida moderna, como por exemplo a internet, para não cairmos em situações como relata Ferreira *et al.*, 2008, p. 4:

O professor/a acomodado seria aquele docente que pensa ser capaz de “transmitir” conhecimento partindo de suas apostilas e planos de aula herdados de anos atrás e que até agora estão “funcionando”. Este docente, não estaria disposto a reconsiderar a sua prática muito menos a trocar experiências de vida com seus alunos, pois ele seria o conhecedor da “verdade absoluta”. Este docente, provavelmente seria incapaz de admitir que suas práticas estariam “fora de moda” e que seus conceitos poderiam sofrer modificações através das intervenções discentes em sua prática educativa e relações pessoais.

E esta acomodação vem formatando toda uma era educacional onde cultuamos os saberes que se relacionam com o que pré julgamos seguros como carreiras a serem seguidas. No vídeo de Ken Robinson intitulado “*Does school kill creativity?*” ele explana há quanto tempo pais e professores perseguem o caminho do seguro e repassam que para se ter sucesso a receita é a mesma desde sempre, aniquilando a criatividade dos estudantes. Mas esta realidade já é outra porque este mundo já mudou e está modificando extremamente rápido. Neste sentido, posiciona-se Prado, 2001, p. 2:

Uma abordagem de educação que propicia o processo de reconstrução do conhecimento para a compreensão da realidade no sentido de resolver sua problemática, trata o conhecimento em sua unicidade, por meio de interrelações entre ideias, conceitos, teorias e crenças sem dicotomizar as áreas de conhecimento entre si e, tampouco valorizar uma determinada área em detrimento de outra.

Esta fragmentação do conhecimento e das áreas da ciência é herança paradigmática da sociedade pós Revolução Industrial, em que se preparou professores com base com princípios educacionais ajustados na reprodução e na segmentação do conhecimento. Agora temos que repensar, pois o ser humano em reelaboração de sua identidade planetária, tentando se enquadrar neste novo contexto qualitativamente bem disputado, está mudando, adequando seu perfil de acordo com suas habilidades para bem se preparar para o presente e o futuro. Com este olhar devem educadores e pais

estar preparados e não apenas ter acesso às propostas inovadoras, aos currículos condizentes com a sociedade do conhecimento e da tecnologia. Professores precisam ressignificar suas práxis envolvendo seu cotidiano para a articulação das áreas do conhecimento e da tecnologia; pais precisam flexibilizar as lentes que colocaram diante dos olhos para o traçar o futuro de seus filhos e perceber que há horizontes mais distantes dos já alcançados.

Cristofolini (2015), empreendedor, diz em sua obra que atualmente não é necessário uma Universidade ou uma especialização para adquirir conhecimento. É enfático afirmando que grande parte do que nos é ensinado não terá utilidade prática alguma e cita um estudo feito pela Universidade de Chicago em 2008 que tem como resultado que apenas 6,3% do que é ensinado em uma escola é utilizado na vida de uma pessoa.

Pais e professores, os responsáveis por ajudar no direcionamento das carreiras daqueles que preparam, precisam ter estes dados frequentemente atualizados para perceberem as tendências globais e não preconceituarem profissões com base em dogmas do passado.

Só assim, de fato e de ato, a educação poderá ser libertadora, como é a preconizada por Freire e o indivíduo então poderá ter garantida, por meio de sua trajetória, a liberdade de escolha.

A orientação para que o aprendiz consiga dirimir suas dúvidas sobre escolha profissional tem que ser conduzida desde a infância. Nunca devemos parar de auxiliar na fase mais conturbada para a transição da vida adulta, que é a adolescência. Importante destacar para o jovem que de um sonho ele possa ter a visão, da visão traçar meta, da meta estabelecer um planejamento para então a realização deste sonho. E o que o moverá será o quão emocionalmente envolvido com o sonho ele estará. Para auxiliar nesta escolha, Munhoz e Melo-Silva (2011) defendem que é importante que se tenha educação para a carreira, com orientação profissional da alfabetização ao ensino médio, com atividades integradas a disciplinas e trabalhadas pelos docentes, na educação infantil e ensino fundamental e pelo psicólogo no ensino médio.

E também atribui-se a função da escola auxiliar o aluno que está imerso neste mar de informação para que ele filtre, saiba fazer seleções e produza conhecimento. O artigo da Selma Garrido Pimenta coloca-se nesta direção quando ela pontua sobre o agir pedagógico, dizendo que "... é proceder à mediação entre sociedade da informação e os

alunos, no sentido de possibilitar-lhes, pelo desenvolvimento da reflexão, adquirirem a *sabedoria* necessária à permanente construção do humano”.

O Relatório da UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI de Jacques Delors defende quatro tipos fundamentais de Educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

No artigo de Newton Duarte, p. 38 em uma citação de Fonseca, o relatório Delors é evocado com propriedade para que consigamos incorporar estas competências nos alunos como uma arma na competição por postos de trabalho.

Confrontando este relatório com o artigo de Lizia Nagel, tenho como opinião que há um problema também na remuneração e na capacitação dos educadores de toda a nação. Porque para que o professor seja interessante, leia bons livros, frequente cinema e teatro, tenha tempo para lazer, não pode estar em sala de aula 40h semanais e com uma carga extra curricular alienadora do mundo. O professor sobrecarregado transforma-se num agente passivo da máquina educacional e desmotivado, para de lutar, sem compreender se o que está fazendo é certo ou faz porque “sempre foi feito assim”. A baixa remuneração tira o poder crítico dele. Desta maneira, este profissional não contribui nem para o pilar “Conhecer” do relatório de Delors, que envolve toda uma estruturação de exercício de atenção, de memória e de pensamento. Sem o “Conhecer”, que é o pilar que está amarrado aos demais, o “Fazer” não será criativo, como sugere o vídeo de Sir. Robinson, e emancipatório, assim toda a cadeia estará comprometida. Também não saberá ensinar a alteridade porque é o que dizem que vem fazendo com os países mais pobres, mas é uma maquiagem por meio da mídia que visa lucro. Um exemplo: o programa “Amigos da Escola”. Sem retirar os méritos dos benefícios alcançados com este projeto, ao invés do professor em sala de aula ser suficientemente bem preparado ele precisa de ajuda para lecionar porque não foi preparado adequadamente (projetos que camuflam a realidade). Ao aceitar o “Amigos da Escola” a escola legítima que o professor não é suficientemente competente. E (inter) nacionalmente somos reféns das grandes potências que geram conhecimento que capitalizam e o pilar “Conhecer” fica restrito ao acesso que não é aberto a todos. Este “Conhecer” não é pleno. O conhecimento hoje é um produto e dever ser gerado por todo mundo e para todo mundo que está neste planeta.

Nesta mesma linha de inquietação, os textos de Newton Duarte e Pedro Demo trazem críticas sobre o que se pensa que está sendo feito em educação e o que de fato é realizado. Ao lermos Duarte, exageros à parte, se tomarmos o conjunto como

ponderação, o remédio para não ser um iludido é uma constante auto avaliação e um distanciamento crítico para se perceber enquanto profissional. O texto de Demo particularmente chamou-me atenção pela plena pertinência com os temas trabalhados na disciplina e a maneira facilitada com que ele expõe. No resumo ele já ajuíza: “mudar o professor é crucial porque praticamente todas as mudanças na escola são mudanças docentes”, trazendo ao palco como protagonista da mudança o educador. O que marcou no texto foi que o autor não apenas critica, mas propõe solução e se coloca em situação de empatia para difícil tarefa de mudar quando diz na p. 69 que “deixar para trás legados históricos tornados obsoletos é habilidade de rara acuidade, própria de gente que mantém a mente aberta, apesar de todo e qualquer êxito”. E isso, não vejo outra maneira de ser realizada: requer do professor coragem, preparo, saída da zona de conforto, inquietação e vivacidade, costurando e amarrando com o dinamismo dos tempos atuais.

Depois de tantas dúvidas e grandes catarses entra em cena para trazer alento, sem deixar de ser questionador e crítico, mas com uma visão esperançosa do amanhã, Morin: Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.

O capítulo I fornece uma continuidade, mas de uma maneira branda se comparados aos textos de Duarte e Demo, aos perigos da cegueira e da ilusão do conhecimento se o profissional não se mantiver atento e com um olhar examinador sobre a visão de mundo, que se refletirá na sua atitude em sala de aula. Para os questionamentos levantados por Morin eu sugeriria o “conhece-te a ti mesmo” para a prática da humildade e auto percepção diários. Ser professor é ser desafiado todos os dias e se você não consegue aguentar esta carga precisa admitir e talvez até procurar ajuda para não prejudicar os outros e ser infeliz na sua profissão. O docente tem que ensinar para questionar e não se esquivar de perguntas, pois a sociedade é instável e caminha para ser cada vez mais incerta.

Quando Morin discute o capítulo II ele evoca o que já foi falado, de forma similar por Sir. Robinson sobre a compartimentalização do conhecimento. Faz análises e expõe sobre os perigos de simplificar o que não é “simplificável”, e coloca sobre a dificuldade e até a incapacidade de organizar, tanto para alunos quanto para professores, o saber disperso e fragmentado que não contextualiza e nem globaliza. A proposta como alternativa para esta compartimentalização do conhecimento é a conjugação das especialidades pela totalidade. Acredito que foi necessária esta divisão, até por uma questão sócio cultural já mencionada neste texto e que agora é que há a necessidade de

se agregar o conhecimento de novo. Para a evolução da humanidade foi importante, mas o prazo de validade expirou frente as novas demandas sociais.

O capítulo III acredito ser a base de todas as competências para se gerir uma vida: “Ensinar a Condição Humana”. Fortemente atrelado ao “Ensinar a Ser” do relatório Delors, o autor coloca de maneira quase romântica que o crescimento humano é ilimitado. Nos humanizamos por um processo evolutivo, uma luta entre o instinto de conservação e reflexão usando a diplomacia e a educação é uma ferramenta humanizadora. Porém explicita sobre o cuidado que devemos ter para não homogeneizarmos a espécie humana, pois o professor tem/é uma ferramenta poderosa de liderança e formação de opinião. O capítulo todo trata muito do uso do afeto nas relações humanas, e eu particularmente acho que a premissa para as preocupações colocadas por ele é o respeito pelo aluno, por toda a bagagem cultural e social que ele apresenta ou oculta. Morin coloca a necessidade da educação permitir e acolher a pluralidade da singularidade do ser humano. Precisamos entender enquanto profissionais da área da educação a complexidade, com sensibilidade, - seja ela inata ou buscada, trabalhada, aperfeiçoada – desde à cultura à herança genética cósmica que possuímos. Outro autor que fala em fraternidade, que tem este olhar de empatia com o próximo e que se aproxima de Morin é Freire. Hurtado (2007) na obra Diálogos Freire-Morin mostra esta justaposição de ideias dizendo que precisamos de uma reforma de conhecimento, da educação que nos leve a uma nova cidadania, onde homens e mulheres sejam mais ativos e participativos, com mais identidade e sejam mais fraternos.

Ao tratar sobre a identidade terrena, Morin continua levando ao leitor (capítulo IV) para que a solução seja a de uma atitude humanista e chega a pontuar que chegará um momento em que a solidariedade existirá por falta de opção, numa narrativa esperançosa e otimista. Claudio Naranjo em entrevista à revista Época em 31/05/2015 também faz esta conferência que vai neste mesmo sentido e afirma: "Quando há amor na forma de ensinar, o aluno aprende mais facilmente qualquer conteúdo". O capítulo situa a humanidade no planeta Terra trazendo à tona as consciências elencadas (antropológica, ecológica, cívica terrena, espiritual da condição humana) e contextualiza as mudanças ocorridas ao longo da existência do Planeta Azul. E a educação é a ferramenta de tomada de consciência que permite esta transformação do papel para a atitude. E aqui, novamente, ressalto a importância do exame de foro íntimo para depois tomar um distanciamento de si mesmo e de suas expectativas com intuito de um

constante aperfeiçoamento da prática em sala de aula. Reelaborar, reconstruir, ceder, observar e se perceber frágil em diversos pontos, um exame doloroso, mas necessário, para o crescimento pessoal e que traga e leve os reflexos para a vida em sociedade.

O título mais intrigante para mim é o capítulo V: “Enfrentar as Incertezas”, pois é o que mais vivencia-se agora: a certeza que não temos certeza de nada, sobre o futuro em vários aspectos e aqui, pontualmente, no âmbito educacional. A própria ciência, se for ciência mesmo, não se sabe a resposta, não se sabe o final quando se é dado o início e isso é um exemplo de educar para as incertezas. Em aulas de metodologia esta abordagem é facilitada, pois você mostra ao alunado que toda pesquisa, cientificamente estruturada, é válida pela busca de respostas, sem saber verdadeiramente em que terreno está se caminhando. Morin explica que o professor precisa entender que o que acontece com sua elaboração da práxis, com seu planejamento quando não sai de acordo com o esperado é porque o contexto às vezes é o que interfere na ação que colocamos, pensando que resultaria em algo, mas resultou outro. E preparar-se para isso é estar atento as modificações do mundo, como já mencionado aqui, ser politizado e atualizado o suficiente para interferir nos rumos que se desordenam e ter estratégias para prevalecer sobre o programa.

No capítulo VI Morin propõe “Ensinar a Compreensão” e paralelamente estudamos os textos de Hannah Arendt que fala sobre a Violência. Este capítulo demonstra o caminho pelo qual a humanidade deverá se acertar: a comunicação para se levar à compreensão. Para se compreender o outro, novamente, há que se passar pela compreensão de si próprio porque eu não posso dar o que eu não tenho. Hannah fala em perda da autoridade quando há abuso de poder, quando o professor usa dos meios que têm, dos recursos que dispõem para se empoderar da sala de aula e criar um ambiente onde o medo e o silêncio sejam prevaletes aos demais sentimentos/sinais. O professor precisa ter coerência e lógica para pedir ao aluno e se entender com ele: desta maneira legitima seu poder, como elucida o texto de Hanna.

O último capítulo do livro é o VII e chama-se “A Ética do Gênero Humano”. O autor trabalha o conceito de democracia, como ela se constrói e como se ensina a convivência numa sociedade democrata. A maneira como se posiciona vai na linha do texto de Carvalho (2009, p. 447) que tece comentários sobre a democracia e em particular, nesta frase sobre o pensamento e a ação:

Fazer do pensamento e da ação duas faces da mesma realidade concretiza-se na estreita ligação entre saber e fazer,

o que obriga a que homens e mulheres sejam colocados em situação de experiência direta, comprometendo-os em termos de sujeitos de decisão.

Explana sobre o conceito de antro-po-ética, indissociável da nossa consciência da Terra-Pátria e que é imprescindível para que todo o livro faça sentido e que realmente possamos colocar em prática estes saberes necessários à educação do futuro. Por meio da educação, tal como afirma Valle (2001, p. 185):

A principal tarefa da educação é, pois, a formação ética de seus cidadãos, que, numa democracia, supõe a construção, por parte de cada um, das condições a partir das quais ele poderá participar plenamente da vida comum, deliberando e refletindo sobre o que é a felicidade de todos.

A matéria encerrou com a apresentação dos alunos participantes sobre a aprendizagem obtida na disciplina Docência e Empreendedorismo, com autoavaliação efetuada em conjunto com o professor.

Conclusão

Esta disciplina foi fundamental para um olhar reflexivo da nossa práxis, considerando que somos educadores e nos identificamos nas situações relatadas durante o desenvolvimento das aulas.

O livro “Os sete saberes necessários à educação do futuro” de Morin trouxe contribuições valiosas para a nossa vivência humana, pois remete a reflexões transdisciplinares e de nossa gênese cósmica. Porém ao discuti-lo coletivamente, ao cotejá-lo, a cada saber, com outros pensadores, como Arendt, Foucault, Delors, Pimenta e Duarte, percebe-se a pertinência, contemporaneidade e amplitude de sua proposta.

Conclui-se que, para educar nesta sociedade moderna, neste mundo tão conectado e globalizado, o professor precisa desconstruir seus conceitos, refazer alguns caminhos, tentar e errar, e se posicionar com humildade e respeito pelo indivíduo que lhe compete ensinar. O educador precisa ter a mente aberta para conhecer, ouvir, porque quando a educação te permite beber de outras culturas, ela te faculta enxergar a sua e a dos outros. Desta maneira o professor vai construindo um mosaico pessoal de culturas, e é por meio da educação que isto é possível. A educação é que consegue contrapor a homogeneização, por isso o profissional da área precisa empreender-se para ensinar, para educar, para com propriedade dar opção de escolha, capilarizar o caminho para o estudante e oportunizar.

Referências Bibliográficas

ARENDDT, Hannah. **Da Violência**. 1ª ed, 1969. Disponível em <<http://www.libertarianismo.org/livros/harendtdv.pdf>> Acesso em 17/07/2015 às 20:21h.

CARVALHO, Maria João de. Paulo Freire: a construção da escola democrática a partir da decisão. **RBPAAE**. v.25, n.3, p. 441-454, set./dez, 2009

CRISTOFOLINI, João. **O que a Escola não nos Ensina**. Sete habilidades essenciais para uma vida de sucesso que você não aprende na escola. 1ª ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.

DELORS, Jacques (Coord.). **Os quatro pilares da educação**. In: Educação um tesouro a descobrir. UNESCO, MEC. São Paulo: Cortez, 1999. p. 89-102. (Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI).

DEMO, Pedro. Rupturas urgentes em educação. **Ensaio: aval. pol. Públ. Educ.** v. 18, n. 69, p. 861 – 872, Rio de Janeiro, out/dez/2010.

Did you know? Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-5EeFNeQiW4&index=1&list=FL_5yoQfYjEFOTxLFzII_beQ> Acesso em 16/07/2015 às 19:17h.

DUARTE, Newton. As Pedagogias do “Aprender a Aprender” e algumas Ilusões da Assim Chamada Sociedade do Conhecimento. **Revista Brasileira de Educação**. n. 18, p. 35 – 40, São Paulo, set/out/nov/dez/2001.

FERREIRA, Melina Coutinho; ERENO, Cirlene Maier; OLIVEIRA, Vinícius Luge; TASQUETTO, Angélica D’Ávila. **O Dinamismo da Trajetória e a Construção Docente: A Trajetória de Vida Como Catalisador do Debate**. In: Anais de JNE, UNIFRA, 2008.

HURTADO, Carlos Núñez. **Diálogos Freire-Morin**. 1ª ed. Serie Editorial Coloquio: *Centro de Cooperación Regional para la Educación de Adultos en América Latina y el Caribe*, 2007.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. 12ªed. São Paulo: Cortez; Brasília; UNESCO, 2007.

MUNHOZ, Izildinha Maria Silva; MELO-SILVA, Lucy Leal. Educação para a Carreira: concepções, desenvolvimento e possibilidades no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. vol.12, n.1, São Paulo, jun/2011.

MORAIS, Ednalva Fernandes Costa de. **Competências Empreendedoras: integração das novas tecnologias da informação, comunicação e expressão à práxis pedagógica do Professor**. 2013. 293f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

NAGEL, Lizia Helena. A Sociedade do Conhecimento no Conhecimento dos Educadores. Revista Acadêmica Multidisciplinar URUTÁGUA. Ano I, n. 4, Maringá, maio/2002.

NARANJO, Claudio. A Educação Atual produz Zumbis. **Época**. Disponível em <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2015/05/claudio-naranjo-educacao-atual-produz-zumbis.html>> Acesso em 17/07/2015 às 17:43.

NÓVOA, Antonio. **A educação portuguesa corpus documental (séculos XIX-XX)**. Portugal, 2005. Disponível em <<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4810/1/9789724142142.pdf>> Acesso em: 24/02/2016 às 16:14.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de Professores – Saberes da Docência e Identidade do Professor. **Revista da Faculdade de Educação de São Paulo**. v. 22, n.2, p. 72 – 89, jul/dez, 1996.

PORCHEDDU, Alba. Zygmunt bauman: entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida. **Cad. Pesqui.**, São Paulo , v. 39, n. 137, p. 661-684, Aug. 2009

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. Articulando Saberes e Transformando a Prática. **Gestão Escolar e Tecnologias**. Disponível em <http://www.eadconsultoria.com.br/matapoio/biblioteca/textos_pdf/texto23.pdf> Acesso em 16/07/2015 às 20:17h.

ROBINSON, Ken. *Do schools kill creativity?* Disponível em <https://www.ted.com/talks/ken_robinson_says_schools_kill_creativity>. Acesso em 16/07/2015 às 21:22h.

VALLE, Lílian do. Ainda sobre a Formação do Cidadão: É Possível Ensinar A Ética? **Educação & Sociedade**, ano XXII, n. 76, Outubro/2001.